

1. INTRODUÇÃO

A história tem sido escrita e contada exaltando o sexo masculino, como se a narrativa fosse dos homens, para os homens. Como se as mulheres estivessem ausentes, como se não existissem. Como se fossem meros seres apáticos aos acontecimentos, fantoches sem vida, sem atitude, sem personalidade, sem capacidade, sem inteligência, sem ação... vã ilusão!

Assim, ao desenvolver o tema: mulheres invisíveis, a autora pretendeu responder se estas lutaram pela Independência da América Latina e pelo direito de serem mulheres latino-americanas. Pois, na América Latina o imaginário coletivo, bem como os relatos históricos, colocam as mulheres emolduradas no conceito de moral católica da mãe zelosa e esposa fiel, com atribuições restritas a vida privada, aos afazeres da casa e a futilidade da vida social. Imagina-se que as mulheres não seriam capazes de compreender política, administração, economia, engenharia, contabilidade. Cabia-lhes a preocupação com as rendas, com as sedas, com os fuxicos¹...

Assim, a partir do estudo proposto observou-se que a presença feminina nos movimentos revolucionários da independência não foram um privilégio, uma situação isolada, mas a continuidade do processo de construção do Estado latino-americano, bem como, da luta pela garantia de direitos e posições sociais conquistadas a muito custo, que tiveram origem muito antes do período colonial.

Para tanto, o artigo buscou refletir, primeiramente, sobre como estas mulheres sentiam a vida e a terra; posteriormente, pretendeu demonstrar que apesar dos relatos históricos tradicionais omitirem o gênero feminino no processo de independência, as mulheres exerceram importantes papéis no levante. Seja empunhando armas, atuando como soldado, como mãe, como espiã, como enfermeira, como cozinheira ou ainda, patrocinando o movimento, sendo que uma vez reveladas, muitas perderam a vida pela causa.

Ainda, objetivou informar que os valores sociais, religiosos e econômicos que embasavam a vida coletiva na sociedade Inca, foram os fundamentos da construção

¹ A autor utiliza a palavra fuxico no seu duplo sentido: como fazer intriga, mexerico, fofoca e como trabalho manual que manuseia tecido, linha e agulha.

do direito da sociedade da época, direito este, que garantia as mulheres a participação ativa na vida social, cultural, administrativa, política, econômica.

Assim, desvendar a história da América Latina e de suas mulheres é um reconhecimento pela coragem, pela determinação e pela força do matriarcado, bem como, a possibilidade de resgatar a verdadeira história e de reconhecer a identidade deste continente.

Desta maneira, o artigo foi dividido em duas partes. Em um primeiro momento, é relatada a história das mulheres de antigamente, das mulheres Incas, para a partir delas, descrever a força, o engajamento, a destreza das mulheres, das mães, das heroínas, das trabalhadoras na luta pela Independência da América Latina e pelo direito de ser mulher latino-americana.

Já a pesquisa foi desenvolvida com base no método indutivo, sendo que a execução do estudo utilizou-se do método de procedimento monográfico e, as técnicas de pesquisa empregadas foram as fontes documentais e as bibliográficas.

2. Mulheres de antigamente

Os homens e as mulheres foram “adestrados”, historicamente, para exercerem funções distintas na sociedade. Desde os primeiros agrupamentos sociais as diferenças de papéis atribuídas aos gêneros - masculino e feminino - estão presentes.

As mulheres, em regra, são educadas para o afeto, para a religiosidade, para os afazeres da casa, para os cuidados com a família e com quase todos os tipos de serviços da agricultura. Já os homens, são preparados para a realização de atividades pesqueiras, de caça, de trabalhos que exigem força física, raciocínio lógico e virilidade. Assim, aceita-se

[...] que a agricultura tenha sido uma descoberta feminina. Ocupado em perseguir a caça ou em apascentar o gado, o homem estava sempre ausente. Pelo contrário, a mulher, ajudada pelo seu espírito de observação, limitado, mas penetrante, tinha ocasião de observar os fenômenos naturais de sementeira e de germinação e de tentar reproduzi-los artificialmente. Por outro lado, pelo fato de que era solidária com outros centros de fecundidade cósmica – a Terra, a Lua – a mulher adquiria o prestígio de poder influenciar na fertilidade e de poder distribuí-la (ELIADE, 1970, p. 297).

Desta forma, descobertas arqueológicas demonstram que algumas das civilizações antigas foram fastidiosas na veneração da feminilidade, das deusas e das sacerdotisas, momento histórico em que também a Mãe Terra, a Deusa Mãe era adorada e homenageada por meio de estatuetas, objetos e utensílios de uso doméstico. Logo, temos o “[...] culto à fertilidade representado pela “Deusa Mãe” ou “Terra Mãe”. A representação simbólica destes cultos manifestava-se pela veneração das partes sexuais femininas, mais especificamente a vagina, representada por um triângulo” (NUNES. 1987, p. 28).

Assim, os primórdios das civilizações foram marcados pelo matriarcado, em especial, a fase paleolítica, quando é possível

[...] perceber a importância do matriarcado. A este poder real que possuíam as mulheres, corresponde uma representação simbólica, que se expressa ao nível da religião, das crenças e lendas. Na maior parte do matriarcado primitivo há o culto à fertilidade feminina. Podemos afirmar que no matriarcado primitivo as divindades são concebidas como elementos primevos femininos e variam em características e formas envolvendo a fertilidade. Como consequência a sexualidade, a se ver envolvida de uma significação mítica, é concebida como sagrada e divina, com o predomínio da função da mulher, como apanágio feminino (NUNES. 1987, p. 35.).

Dessa maneira, as civilizações antigas deixaram registradas, em demonstrações artísticas rupestres, o culto as formas femininas. Percebe-se que para os paleolíticos o início da vida, o princípio do mundo, tinha origem na fecundação feminina. Para estes povos, as mulheres ao balançarem o ventre², no ritmo dos batimentos cardíacos, misturam o sangue divino e dão origem à vida, pois o coração materno detém o poder da criação e a mulher torna-se a grande Deusa.

O Império Inca, que fez ascender a maior civilização das Américas, habitou os planaltos andinos, desde a atual Colômbia até as regiões do Chile e da Argentina - do Pacífico até a Floresta Amazônica -, tendo o atual Peru como o centro político, econômico e demográfico. Este, teve na figura feminina uma representatividade cultural, religiosa e social (Povos da Antiguidade. s/d., p. 22).

Apesar da escassa documentação que conta e comprova a história das mulheres andinas, é possível retomar alguns mitos, acontecimentos e pensamentos que permitem compreender o movimento realizado por elas no período pré-hispânico e que

² Os rituais primitivos que previam que a vida era originada pelos movimentos pélvicos e abdominais irão dar origem à dança do ventre.

posteriormente irá fundamentar, influenciar, fazer parte (mesmo que inconscientemente) dos sentimentos, das atitudes, dos pensamentos, do senso de justiça daquelas que irão lutar pela independência da América Latina. Também, serão o fundamento da luta pelo direitos das mulheres andinas terem a sua cultura, a sua forma de ser e se relacionarem com a sociedade, com a política e com a economia.

A sociedade Inca tem sua fundamentação em uma concepção dualista, que indica a existência de dois lados, que se complementam em suas diferenças, que expressam a união dos contrários (ELIADE. 1965, p. 80). Assim, os mitos são uma importante fonte para apurar a posição e os direitos das mulheres na sociedade Inca, estes irão diferenciar as divindades masculinas das femininas, dando a cada um(a) características distintas, logo

[...] os deuses masculinos correspondiam, em sua maioria, aos fenômenos naturais, tais como: tormentas, avalanches de pedras e lodo, movimentos sísmicos, que haviam que controlar através de sacrifícios e oferendas; as “huacas” femininas se associavam com as necessidades do gênero humano para subsistir e alimentar-se. Destacam-se como deusas Pachamama, a terra fértil; Mama Cocha, o mar; Urpay Huachac, a deusa dos peixes e aves marinhas; Mama Raiguana, responsável por repartir as plantas alimentícias aos homens, outorgando aos serranos as suas e o mesmo aos costeiros, de acordo com seus respectivos ambientes (Tradução desta)³ (ROSTWOROWAKI. 2016, p. 05).

Fazendo um paralelo, a partir das características dos deuses Incas, com os seres humanos, poder-se-ia afirmar que os homens, são impetuosos, barulhentos, destruidores, conquistadores, impiedosos como as tormentas e os terremotos. Por onde passam deixam as marcas da força e da virilidade. Enquanto isso, as mulheres, representam o alimento, a vida, o florescer de um campo, a fecundidade, a beleza, o aconchego da terra e o frescor da água.

Uma das lendas peruanas descreve que os primeiros Incas nasceram no Lago Titicaca, quando “Apu Inti”, o Deus Sol, enviou seu filho e sua filha, respectivamente Manco Cápac e Mama Huanco para dar início - por meio de uma relação incestuosa, entre irmão e irmã -, ao Império Inca, eles “[...] teriam caminhado

³ “[...] los dioses masculinos corresponden en su mayoría a los fenómenos naturales, tales como tormentas, avalanchas de piedra y lodo, movimientos sísmicos, que había que controlar a través de sacrificios y ofrendas; las huacas femininas se asociaban con las necesidades del género humano para subsistir y alimentarse. Destacaban como diosas Pachamama, la tierra fecunda; Mama Cocha, el mar; Urpay Huachac, la diosa de los peces y aves marinas; Mama Raiguana, la responsable de repartir las plantas alimenticias al hombre, otorgando a los serranos las suyas, lo mismo que a los costeños, de acuerdo con sus respectivos medio ambientes”.

pela cordilheira dos Andes e fundado Cuzco, o “umbigo do mundo”. Ensinarão tudo aos primeiros incas, desde plantar até adorar aos seus deuses” (Destaque do autor) (Povos da Antiguidade. s/d., p. 22).

Os Incas, politeístas, veneravam suas divindades. Entre os deuses, o maior de todos, era “Viracocha”, o criador, pai e mãe do Sol e da Lua. A Lua era tida como a mãe do universo, irmã e mulher do Sol. Enquanto o Sol influenciava os homens, a Lua - com suas fases -, regia as mulheres e seus comportamentos (GUARDIA. 2002, p. 65-66).

O Imperador Inca era venerado como se Deus fosse, era o filho do Sol. Exercia a plena soberania religiosa e político do Império. Diz a lenda, que não era permitido o seu contato com os súditos, que deveria realizar-se somente pelo intermédio do homem mais nobre da linhagem Inca, sob pena de recair uma maldição aos desobedientes (Povos da Antiguidade. s/d. p. 38).

As mulheres do Imperador, eram escolhidas entre as mais belas e prendadas do reino, tinham o direito de tocar, “amar” e serem fecundadas pelo Sol, sem serem praguejadas. Algumas, mais receosas, guardavam fios de cabelos e saliva do Inca, para se manterem salvas (Povos da Antiguidade. s/d. p. 38.).

Mas, ser uma das mulheres do grande Imperador não era sinônimo de submissão. Entre os doze imperadores que governaram o Império Inca, algumas das esposas (principais/oficiais), denominadas de “Coyas”, “[...] Mama Wako, Mama Occllo y Mama Anauarque, possuíam a força e o poder necessário para aconselhar os seus maridos, os Incas, e seus filhos, em assuntos de Estado” (Tradução desta)⁴ (GUARDIA. 2002, p. 48).

Todas as mulheres são, também, uma expressão de sentimentos, desejos e loucuras. Assim, as mulheres latino-americanas são como as Coyas, possuem poderes sobrenaturais, capazes de falar com os demônios, como a primeira Coya, Mama Wako; são alegres, bondosas e musicais, como a segunda Coya, Chinbo Urna Coya; são avarentas, de coração endurecido, que dominavam o marino, como a terceira Coya, Mama Cora Occllo Coya; são adoentadas como a quinta Coya, Chimbo Mama Caua e são obedientes como a décima Coya, Mama Occllo Coya (GUARDIA. 2002, p. 47-55).

⁴ “[...] Mama Wako, Mama Occllo y Mama Anauarque, poseían la fuerza y el poder necesario para aconsejar a sus maridos, los Incas, y a sus hijos, em asuntos del Estado”.

No Império Inca as mulheres detinham poder, o direito da sedução, da alegria, do trabalho, da manipulação, da espiritualidade, da vida. Eram seres respeitados e admirados, o que foi tolhido – em parte -, pelos conquistadores espanhóis...

A sociedade Inca era composta por três grandes grupos sociais. No ápice da pirâmide estava o Inca, que realizava o culto ao Sol, posteriormente, encontravam-se os sacerdotes e os nobres que geralmente eram descendentes ou familiares do imperador e em seguida, na base da pirâmide estavam as mulheres do povo e os “Yanaconas”, sendo que estes

[...] era uma espécie de escravos selecionados entre os prisioneiros de guerra ou populares encarregados de proteger seus senhores, de administrar as terras do tempo do Sol e os armazéns de abastecimento.

Somente altos funcionários e chefes militares podiam ter a seu serviço os yanaconas, que podiam possuir bens, ao contrário dos escravos. Apenas um dos filhos do “yana” era escolhido para continuar a atividade do pai” (Povos da Antiguidade. s/d., p. 48).

A mulher mais nobre e que detinha maiores direitos era a Coya, a esposa do Imperador, que era sagrada e homenageada como ele. Posteriormente, vinham as Acllas, geralmente, originárias de famílias nobres, que eram classificadas conforme a idade e a função que exerciam.

Ainda, existiam quatro classes de Acllas: 1) as Hayrur Acllas, eram jovens formosas de vinte anos de idade que se dedicavam a servir o Deus Sol e a Deusa Lua, “Inca e Coya”; 2) as Sumac Aclla, foram jovens senhoras de trinta anos que cultivam as colinas; 3) as Huary Acllas Sumac, tinham trinta e cinco anos de idade e eram responsáveis pelo culto das segundas “Huacas” e, 4) as Pampa Acllakuna, mulheres de cinquenta anos que serviam a Lua e as Estrelas (GUARDIA. 2002. p. 58).

Além das Coyas e das Acllas, existiam as mulheres do povo – em maior número -, que se dedicavam a realizar as atividades agrícolas, têxteis e domésticas. A quantidade de tarefas a serem realizadas diariamente eram grandes, seu trabalho se estendia, inclusive, durante a gravidez. Mulheres fortes e determinadas, quando vinham a parir seus filhos, arrebentavam o cordão umbilical com os dentes e com as unhas, em seguida, banhavam as crianças com água aquecida na boca (GUARDIA. 2002. p. 60).

Enquanto o rei e os nobres detinham o direito de “possuírem” várias mulheres, aos populares vigorava a monogamia e uma maior igualdade na divisão das tarefas diárias, assim todos

[...] os integrantes das famílias viviam e trabalhavam próximos um do outro, a fim de ajudar-se mutuamente. Cada membro tinha uma obrigação específica, os homens ficavam com o trabalho pesado e difícil, as mulheres cuidavam do plantio, as crianças eram encarregadas de afastar os animais e pássaros para o benefício da família.

Algumas mulheres eram escolhidas para serem educadas nos monastérios do Sol por mulheres mais velhas e descendentes da etnia dos incas. Essas mulheres tinham uma posição social muito importante, eram escolhidas sem ter que necessariamente pertencer à família do Inca. Geralmente eram escolhidas antes da puberdade por sua beleza, raça e somente em alguns casos pela nobreza. Comprometiam-se a ter uma vida casta e tornavam-se professoras ou profetisas de muito respeito.

Após o amadurecimento, essas mulheres poderiam deixar a ordem e casar-se. Algumas tornavam-se esposas secundárias do imperador, outras eram dadas em casamento a quem o imperador desejasse e outras permaneciam virgens para poder participar do culto solar. Os casamentos com mulheres do monastério do Sol eram festejados como casamentos reais devido à importância social destas mulheres (Povos da Antiguidade. s/d., p. 48-49).

Desta forma, na classe popular, as atividades do plantio eram realizadas em conjunto, entre homens e mulheres, porém, a sementeira era uma atividade exclusiva das mulheres. Somente elas, detentoras do poder da fecundidade, de fertilizar e dar a vida, tinham a permissão de tocar nas sementes e colocá-las nas covas abertas pelos homens (ROSTWOROWAKI. 1988, p. 09).

Para que o solo fosse sempre fértil, alimentando com fartura o povo andino, era necessário deixá-lo descansar. Após o período de resguardo, entre agosto e setembro, nos dias de lua cheia, fazia-se a “Festa da Rainha”, nas cidades de Cuzco e Coya Raymi. Além das festividades, neste período, avivava-se a “Pachamama” (“mãe terra”), revolvendo-a, preparando-a para a sementeira. Ao homenagear a “mãe terra”, seus filhos esperavam que esta lhes desse o sustento do dia a dia, o alimento do corpo que lhes proporcionasse força, coragem e sabedoria para trabalhar e viver (ROSTWOROWAKI. 2016, p. 09-10).

As mães Incas carregam/carregavam seus filhos envoltos em seus corpos com tecidos ricamente desenhados. Como filhos de cangurus, estas crianças alimentavam-se/alimentam-se de afeto, sentimentos, vida, espiritualidade e leite. Cria-se uma relação de amor e respeito para todo o sempre entre mãe e filho.

Ocorre que, no dia 16 de novembro de 1533, chegou em Cajamarca, Francisco Pizarro, conquistador e explorador espanhol. Convidado pelo Imperador Atahualpa para jantar, Pizarro, adentra no Império Inca montado em um belo cavalo, trajando fardas européias. Os Incas, maravilhados com a imponência do “animal”, com

o homem de barba espessa, abrem suas casas para o ilustre convidado, acreditando estarem diante de um “Deus”. Neste dia, a guarda de honra do “Inca” foi assassinada e o rei Sol feito prisioneiro. É o início do massacre do povo Inca!!!

Desta maneira, após a

[...] a execução de Atahualpa, os conquistadores procederam a destruição e o saque dos Incas. A terra, dividida e parcelada passou a ser propriedade dos novos donos: surgiram cidades, desapareceram templos, encima dos quais se edificaram Igrejas; o culto ao deus Sol foi proibido, e qualificado de idolatria aos antigos sacerdotes e crentes; os índios foram assassinados, depreciados e explorados, pois deveriam cumprir com uma múltipla e dura carga para o colonizador, o Estado e a Igreja. A conquista – a invasão como se denomina atualmente – significou a imposição de um sistema de produção e de uma cultura que fragmentou as relações de parentesco da sociedade Inca, e transformou a relação entre sociedade e natureza, entre grupos sociais e entre mulheres e homens. Teve o sinal inequívoco da violência e, para as mulheres, o jugo de uma violência específica de gênero, institucionalizado pelo poder (Tradução desta)⁵ (GUARDIA. 2002. p. 76).

As mulheres defenderam o Império com suas vidas, passaram por cima de sua dignidade, sua cultura e sua religiosidade para se casarem com espanhóis objetivando estabelecer laços políticos e afetivos que os impedissem de cometer atrocidades, ainda maiores, contra seu povo e familiares. Proibidas de adorar seus Deuses, de transmitir os costumes para os seus descendentes - como criminosas -, passaram a viver as tradições andinas em segredo, as escondidas (GUARDIA. 2002. p. 78).

Muitas preferiram morrer com seus filhos a serem escravizadas, outras fugiram para se esconder nas montanhas geladas - de difícil acesso -, ou mesmo, no interior da floresta Amazônica. Algumas empobrecidas, sozinhas, indefesas, humilhadas, viram-se obrigadas a se prostituir, pois

[...] a prostituição apareceu durante a conquista espanhola – entre 1532 e 1544 -, como produção da mesma invasão, a morte de milhares de índios, a separação de suas comunidades, e mais ainda durante as guerras civis espanholas. Também havia prostitutas espanhola, sendo “Hernández”, uma

⁵ “Luego de la ejecución de Atahualpa, los conquistadores procedieron a destruir y saquear el Império de los Incas. La tierra, dividida y parcelada pasó a ser propiedad de sus nuevos dueños; surgieron ciudades, desaparecieron templos encima de los cuales se edificaron Iglesias; el culto al dios Sol fue proscrito, y calificados de idólatras los antiguos sacerdotes y creyentes; los índios fueron asesinados, depreciados, y explotados, pues debieron cumplir con una múltiple y dura carga para con el colonizador, el Estado y la Iglesia. La conquista – o la invasión como se la denomina actualmente – significo la imposición de un sistema de producción y de una cultura que fragmento las relaciones de parentesco de la sociedad Inca, y trastocó la relación entre sociedad y naturaleza, entre grupos sociales, y entre mujeres y hombres. Tuvo como signo inequívoco la violencia y, para las mujeres, el yugo de una violencia específica, en cuanto a género institucionalizada por el poder”.

das primeiras em 1532. Nos relatos de orgias de Hernando Pizarro, estas eram com “putas cristas, índias e moras”⁶ (Tradução desta) (GUARDIA. 2002. p. 78).

Provavelmente, os navios que vieram à América, conduziam em seu interior, os “prazeres” das prostitutas européias, porém os familiares dos conquistadores somente chegaram ao “novo mundo”, por volta do século XVI, pois somente

[...] quando o poder estava consolidado chegou as esposas, as filhas e irmãs. Habitaram em casas de janelas fechadas e pátios interiores resguardados com portas que formavam um pesado bloqueio, que as protegiam do mundo exterior e que refletiam, a sua vez, a concepção patriarcal e feudal da família. As mulheres espanholas, submetidas ao poder paterno, eram entregues pelo padre ao futuro esposo. Dos atos que constituem o matrimônio: o noivado, que era um contrato firmado pelo padre e o futuro esposo, com a entrega do dote da noiva e o casamento religioso⁷ (Tradução desta) (GUARDIA. 2002. p. 80).

Assim, a chegada dos conquistadores ao continente sul americano, além da violência, trouxe uma nova forma da sociedade se relacionar, o patriarcado. E, as mulheres, que até então eram livres e destemidas tiveram que se adaptar a uma nova forma de viver e conviver com seus companheiros, uma forma de submissão, opressão e limitação.

Daí surgiu um processo de luta entre o direito e a cultura matriarcal andina e o direito e a cultura patriarcal espanhola.

Mas foram essas mães, guerreiras, prostitutas, selvagens, tiranas, frágeis, trabalhadoras, domesticadas, bruxas, heroínas, sacerdotisas, deusas, loucas - “APENAS MULHERES SUL-AMERICANAS” -, que lutaram ao lado dos homens ou, de seus homens, para “livrar” a América Latina do subjugo do invasor, do conquistador e do explorador, para então conquistar o direito à independência política, cultural, religiosa, afetiva, intelectual, sexual...

⁶ “[...] la prostitución apareció durante la conquista española entre 1532 y 1544 como producto de la misma invasión, la muerte de miles de indios, la separación de sus comunidades, y más aún durante las guerras civiles españolas. También había prostitutas españolas, siendo “La Hernández”, una de las primeras en 1532. Aunque ya en el relato de las orgias de Hernando Pizarro, se dice que eran con “putas cristianas, índias y moriscas”.

⁷ “[...] cuando el poder estuvo consolidado llegaron las esposas, hijas y hermanas. Habitaron en casas con ventanas enrejadas y patios interiores resguardados con puertas de pesadas cerraduras que las protegían del mundo exterior, y que reflejaban, a su vez, la concepción patriarcal y feudal de la familia. Las mujeres españolas, sometidas a la potestad paterna, eran entregadas por el padre al futuro esposo. Dos actos constituían el matrimonio: los espasales, que eran un contrato firmado por el padre y el futuro esposo com la entrega de la correspondiente dote de la novia, y la boda religiosa”.

3. MULHERES INVISÍVEIS: LUTA PELA INDEPENDÊNCIA DA AMÉRICA LATINA E PELO DIREITO DE SER MULHER SUL-AMERICANA.

O Continente Americano apesar de ter sido um dos últimos a ser conquistado, quando da conquista espanhola e portuguesa⁸, encontrava-se povoado a pelo menos vinte mil anos, sendo que os

[...] indígenas americanos formavam uma população de, aproximadamente, 40 milhões de pessoas e estavam divididos numa série infinita de etnias, povos e tribos. No tocante a sua evolução apresentava diferentes estágios: alguns constituíam civilizações extremamente avançadas, com numerosas e magníficas cidades, enquanto outros se encontravam na idade da pedra lascada, como era o caso dos índios brasileiros (CAMPOS. 1982, p. 30).

O invasor foi implacável com a população americana, que passou a conviver com a escravidão, com os assassinatos, com os abusos, com as doenças de “brancos”, com a “negação” da própria origem.

As populações tradicionais viram suas casas, seus palácios e seus templos serem saqueados e destruídos. Este foi um dos maiores desastres demográficos que a humanidade conheceu.

Apesar de todos os relatos históricos terem sido escritos no masculino, é evidente que o continente americano foi conquistado por homens e por mulher e, que as mulheres além de mães e esposas dedicadas, participaram ativamente do processo de independência da América Latina. Assim, em relação a

[...] história das mulheres, é necessário esticar ao máximo os limites da nossa investigação e preocuparmo-nos por suas atitudes, suas motivações e seus atos, como indivíduos e como membros da família e de outras instituições sociais. O objetivo da investigação sobre o papel que representavam sobre a condição, os pensamentos e as ações das mulheres, não deveriam ser o encontro de seres sobre-humanos, e sim o examinar de indivíduos normais dedicados a suas atividades diárias e que foram representativos de sua época e de sua sociedade⁹ (Tradução desta) (LAVRIN.1985, p. 10).

⁸ A descoberta e a colonização do Continente Americano por parte de algumas monarquias europeias, principalmente Portugal e Espanha, está vinculada a um processo histórico que objetivou expandir a navegação por rotas alternativas, ocorrido entre o século XV e o século XVII, período de transição da Idade Média para a Idade Moderna.

⁹ “[...] historia de las mujeres, es necesario esticar al máximo los límites de nuestra investigación y preocuparnos por sus actitudes, sus motivaciones y sus actos, como individuos y como miembros de la familia y de otras instituciones sociales. El objetivo de una investigación sobre el papel que desempeñan, sobre la condición, los pensamientos y las acciones de las mujeres, ya no debería ser el de encontrar seres

Em especial, no Peru, ocorreu uma sucessão de atos que marcaram a participação de “mulherios” na luta dos donos da terra (as populações tradicionais da América) contra o subjugo do conquistador (os espanhóis). Como exemplo do envolvimento feminino na causa, surge o nome de María Gregoria, esposa do dirigente Francisco Inca, que atuou ativamente na sublevação de Huarochiri, que teve início em 1750 e desenvolveu-se por um longo processo de resistência. Este processo teve a participação de homens com nome e identidade registrada na história, mas também, de “índias”, de mestiças e de criolas (mulheres invisíveis, sem nomes, sem identidades e sem “história”), que guerrearam fazendo uso das mais diferentes armas. Ocorre que em 1770, surge uma mulher visível, Juana Moreno, insurgiu-se contra a cobrança abusiva de impostos e assassinou o Tenente Corregedor General Domingo de la Cajiza (GUARDIA. 2002, p. 105-106).

Mas entre todas as mulheres descendentes do Império Inca, dentre as conhecidas, provavelmente a que melhor define o “ser mulher” no período do levante, foi Micaela Bastidas - primeira grande heroína do direito a liberdade (JUAN. 2016, s/p.). Filha de um africano com uma índia, de singular beleza, de origem pobre, não letrada, geniosa e casada com um dos últimos descendentes do imperador Sol, José Gabriel Condorcanqui, posteriormente denominado Tupac Amaru II, chefe dos Tupac Amaru, que deu a ela, filhos, amor e todo o ensinamento para que em sua ausência, administrasse as propriedades com valentia e destreza (GUARDIA. 2002, p. 108-110), inclusive

[...] Tupac Amaru sempre mostrou empatia respeito, não somente em relação a gente mais achegada a ele, que nem sequer seus adversários se atreveram a difamá-lo; em contrapartida Micaela Bastidas foi qualificada de cruel e odiada pelos espanhóis. Se já difícil de aceitar uma insurreição indígena contra o poder colonial, resultava intolerável que uma mulher se opusesse da forma como ela fez¹⁰ (Tradução desta) (GUARDIA. 2002, p. 108-110).

Após longa negociação infrutífera com o poder local e com a Coroa espanhola, tendo por fim a melhora das condições de vida do povo andino, em

sobrehumanos, sino más bien el de examinar individuos normales dedicados a sus actividades diarias y que fueran representativos de sus épocas y de sus sociedades”.

¹⁰ “[...] Tupac Amaru siempre concito la simpatía y respecto no solo de la gente más allegada a el, y ni siquiera sus adversarios se atrevieron a difamarlo; en cambio Micaela Bastidas fue calificada de cruel y odiada por los españoles. Si ya difícil aceptar una insurrección indígena contra el poder colonial, resultaba intolerable que una mujer se impusiera de la forma que ella lo hizo”.

novembro de 1780, como um grito por independência, teve início a rebelião de Tupac Amaru.

Micaela foi a principal conselheira e executora das determinações do marido, é a “[...] ela quem importa as ordens, a outorga de salvo conduta, lançar editais, lançar expedientes para recrutar gente e enviar cartas aos caciques”¹¹ (Tradução desta) (GUARDIA. 2002, p. 112), também não “[...] existem sutilezas nem vacilações em sua linguagem. Dá ordens, chama de ladrões os corregedores e aprisiona aqueles que se negam a obedecer a Tupac Amaru” (Tradução desta) (GUARDIA. 2002, p. 108-113).

Ao que tudo indica, Micaela Bastidas queria libertar o povo da exploração espanhola e também restabelecer os direitos das mulheres andinas na vida social e política - tradição que foi tolhida pelo conquistador (JUAN. 2016. 64-72).

Além de Micaela, também tiveram uma importante participação no levante Cecilia Tupac Amaru, Tomasa Titu Condemayta, Manuela Tito Condori, Antonia Castro, Bertolina Sisa, Gregoria Apaza, Marcela Castro (JUAN. 2016. 64-72).

Após anos de motim, os “rebeldes” enganados e traídos, foram presos e condenados, sendo que a

[...] sentença ordenava o “aquartelamento em vida para o chefe principal, mutilações e pena de morte para os outros réus, além de outros castigos”.

Em 18 de maio de 1781 foram levados para a Praça de Armas de Cuzco para ser executados um a um. De seu filho Hipólito, primeiro, foi cortada a língua, por haver falado contra os espanhóis e em seguida foi enforcado. Micaela e José Gabriel foram obrigados a presenciar a morte de seu filho, e logo fizeram eles subir ao tablado. A vista de seu esposo e de seu filho Fernando, Micaela lutou com seus algozes, até que finalmente a submeteram e cortaram a sua língua, sendo que seu colo delgado não era suficiente para a afogar, assim, lançaram os laços do pescoço puxando ambos os lados para estrangulá-la, dando porrete e terminou matando-a com chutes no estômago e nos seios.

Ela foi então levado para o centro da praça com Tupac Amaru, que também foi submetido a uma morte horrível. Ambos foram desmembrados e as partes enviadas para diferentes povos da região, para serem exibidos em locais públicos, alertando seus cidadãos sobre as consequências de se rebelarem.

A convicção dos ideais de justiça e de liberdade que Micaela defendeu à morte, juntamente com sua família, que lutando com o seu povo, sua história tornou-se lenda e inspiração para o movimento de independência na América Latina¹² (Destaque do autor) (WIKI. 2016. s/p.).

¹¹ “[...] ella quien imparte las órdenes, otorga salvoconductos, lanza edictos, dispone expediciones para reclutar gente y envía cartas a los caciques”.

¹² “[...] sentencia ordenaba el "descuartizamiento en vida para el jefe principal, mutilaciones y pena de muerte para los otros reos, más allas de otros castigos”.

Assim, como as mulheres Incas, mulheres de outras origens também participaram da batalha pela independência da América Latina e pela restauração de seus direitos e de seu povo. Seja, empunhando armas, guerreando com o inimigo, seja atuando como espiã, como enfermeira, como cozinheira ou fornecendo dinheiro, comida e roupas para as tropas (CHERPAK. 1985, p. 254). Pois, por diversas vezes

[...] também se prestavam ao serviço de espiãs, no qual se saíam muito bem, pois conseguiam acesso a certas casas ao se colocarem como serviçais, passando despercebidas aos olhos de insurrectos ou realistas. Luis Vitale dá o exemplo de “Policarpa, [que] actuó como enlace de los revolucionarios en el período de la Reconquista española. Era una costurera de Bogotá, oriunda del Valle del Cauca; trasladaba los mensajes anticoloniales camuflados en naranjas.” As atividades de espionagem de Policarpa Salavarrieta foram tão bem sucedidas que passou a ser procurada como um dos principais agentes republicanos. Morreu fuzilada (RODRIGUES. 2016, p. 5).

Assim, as mulheres da América Latina, além dos afazeres da casa, do cuidado e da educação dos filhos, atuaram de forma decisiva nas batalhas pelo direito a independência sul americana e para a “restauração” do poder do povo para com seu país, pois ao

[...] se fala em exército, nesse período, imaginamos sempre homens marchando a pé ou a cavalo, lutando. Esquecemo-nos de que as mulheres, muitas vezes com filhos, acompanhavam seus maridos soldados; além disso, como não havia abastecimento regular das tropas, muitas trabalhavam – cozinhando, lavando ou costurando – em troca de algum dinheiro (PRADO. 1999, p. 34).

Ainda, no Brasil

[...] as bibliografias lembram um número bastante expressivo de mulheres que se incorporaram a exército, como soldados, todas defensoras da independência. A opção de Maria Quitéria de Jesus pela causa da independência é exemplar. Não sabia ler ou escrever. Mas ouviu histórias na pequena propriedade de seu pai, no interior da Bahia, sobre a opressão de

El 18 de mayo de 1781 fueron llevados a la Plaza de Armas del Cuzco para ser ejecutados uno a uno. A su hijo Hipólito primero le fue cortada la lengua, por haber hablado en contra de los españoles y luego fue ahorcado. Micaela y José Gabriel fueron obligados a presenciar la muerte de su hijo, y luego la hicieron subir a ella al tablado. A la vista de su esposo y de su hijo Fernando, Micaela luchó con sus verdugos, hasta que finalmente la sometieron y le cortaron la lengua, su cuello delgado no alcanzaba al torno para ahogarla, y le echaron lazos al cuello que tiraban de uno y otro lado para estrangularla, dándole garrote y terminaron de matarla a patadas en el estómago y los pechos. Luego llevaron al centro de la plaza a Túpac Amaru, quien también fue sometido a una espantosa muerte. Ambos fueron desmembrados y sus partes enviadas a diferentes pueblos de la región para ser exhibidos en las plazas públicas, alertando a sus habitantes sobre las consecuencias de rebelarse. La convicción de los ideales de justicia y libertad de Micaela defendidos hasta la muerte, unida a su familia y luchando junto a su gente, convirtió su historia en leyenda e inspiración para la gesta independentista de América Latina”.

Portugal, fazendo seu coração “arder de amor à pátria”. Fugiu para a casa da irmã casada, que a ajudou a vestir-se de homem para, assim, poder entrar para o exército patriótico. Participou de algumas batalhas, distinguiu-se em ação e finalmente foi recebida pelo imperador, em agosto de 1823, que a condecorou com a ordem do Cruzeiro e a promoveu a alferes (PRADO. 1999, p. 35).

A participação feminina na história do processo de independência da América Latina no século XIX, durante a crise do sistema colonial imposto pelos espanhóis e portugueses, apresentou características muito próprias e locais, o que fortaleceu os conflitos que se seguiram em todas as colônias latino-americanas. Sendo que uma

[...] das primeiras figuras femininas na história da América Latina é de origem Argentina, Doña Diolinda Correa, que com o filho ainda bebê, acompanhou o marido junto com o exército de Facundo Quiroga. [...] No México, encontramos Doña Leona Vicario e Josefa Ortiz Domínguez, onde ambas participaram na luta pela independência do México. O papel de mensageira foi desempenhado por inúmeras mulheres, entre elas, Doña Policarpa Salavarrieta do Vice-reino de Nova Granada (atualmente Venezuela, Colômbia e Panamá) (CARVALHO. 2016, s/p.).

Também, destaca-se Manuela Pedroza (La Tucumana), que foi graduada como tenente após lutar ao lado do marido contra a invasão inglesa na Argentina. Já a boliviana Juana Azurduy de Padilha e o marido, um rico fazendeiro, lideraram um grupo de guerrilheiros. Ela ficou conhecida pela coragem e perícia, sendo graduada como tenente-coronel. Com o casal havia, ainda, um grupo de mulheres que se auto denominavam “amazonas” e que participaram de sangrentas batalhas (PRADO. 1999, p. 37).

Junto de Simon Bolívar, o líder máximo da independência, estava Manuela Sáenz, que se separou do marido para acompanhar Bolívar pelos mais distantes recantos da América, em busca do direito à liberdade, o direito a independência da América Latina.

Bolívar, em um discurso para o exército que libertou a província de Trujillo, proclamou a participação das mulheres afirmando,

[...] até o belo sexo, as delicias do gênero humano, nossas amazonas combateram contra os tiranos de São Carlos com uma coragem divina, ainda que sem êxito. Os monstros e tigres da Espanha chegaram ao cume da covardia de sua nação, dirigiram as infames armas contra os cândidos e femininos peitos de nossas beldades; derramaram seu sangue; fizeram expirar

muitas delas e as encheram de grilhões, porque conceberam o sublime desígnio de libertar sua adorada pátria (LAVRÍN, 1985, p. 12).

Denota-se que entre as heroínas que lutaram pelo direito à independência da América Latina haviam brancas, negras, mestiças e indígenas, de classe social alta, média e baixa, exercendo das mais diversas funções junto às tropas. Com os filhos dependurados no peito, montadas a cavalo, sem fragilidade ou vaidade – vestiam-se de homens -; trabalharam arduamente cozinhando, cuidando dos feridos; foram para a batalha onde mataram e morreram. Guerreiras, bruxas, Amazonas bradavam por seus filhos, seus maridos, sua terra, seu direito de ser mulher visível!

Entretanto, raramente a história destas mulheres é lembrada quando da trajetória política dos países latino-americanos que lutaram pela sua libertação. Ao tentar fazer este pequeno resgate, tem-se por objetivo mostrar a necessidade de estudos e de pesquisas que busquem o aprofundamento e a identificação do caminho percorrido pelas mulheres nos processos de independência que resultaram em guerras civis e/ou de libertação e que propiciaram e influenciaram as chamadas revoluções modernas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ideário coletivo situou, historicamente, as mulheres como responsáveis pelos afazeres domésticos, os cuidados com os filhos, sempre mais ligadas às questões afetivas e religiosas, enquanto que os homens foram colocados no lugar de guerreiros e de heróis viris.

Tal situação não foi diferente na América Latina, conquistada, inicialmente por Portugal e Espanha, por homens implacáveis com as comunidades indígenas, que foram escravizadas, saqueadas, dominadas e aculturadas por mais de trezentos anos.

No processo de Independência da América Latina as mulheres lutaram, ativamente, durante as batalhas, empunhando armas ou atuando como enfermeiras, como cozinheiras, como lavadeiras, como espãs. Muitas morreram outras tantas, perderam os familiares e o patrimônio pela causa da emancipação, situação que é resgatada, com justeza, pela História Social ou Nova História.

Assim, apesar da historiografia contemporânea ter se redimido e incluído as mulheres em alguns de seus relatos, muito ainda há de fazer, de pesquisar, de contar. A mulher continua ofuscada, escondida na história.

Assim, o estudo da história e da construção do direito das mulheres invisíveis da América Latina deverá continuar a ser pesquisado com o objetivo de fomentar o movimento para a libertação das mulheres, historicamente silenciadas, oprimidas e colocadas em segundo plano.

Assim, objetiva-se a construção de um processo que desvende a história, que desvele a mulher e sua participação ativa e presente na construção do continente Americano e na busca pela garantia de ser mulher latino-americana.

Mesmo porque a América Latina é “feminina”, é a Grande Mãe, a Deusa protetora, a “Pachamama” de todo o povo latino-americano!

5. REFERÊNCIAS

CAMPOS, Raymundo. *História da América*. São Paulo: Atual, 1982.

CARVALHO, Adriana. *Memória Viva – Mulheres lutadoras do século XIX*. Disponível em: <http://www.latinoamericano.jor.br/memoria_viva_mulheres_XIX>. Acesso em: 13 set. 2016.

CHERPAK, Evelyn. El movimiento de independencia de la gran Colombia. 1780-1830. In. LAVRIN, Asunción (org.). “Las mujeres latinoamericanas. Perspectivas históricas”. México: Tierra Firme e Fondo de Cultura Económica, 1985.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Lisboa: Martins Fontes, 1970.
GUARDIA, Sara Beatriz. *Mujeres peruanas el otro lado de la historia*. Lima: Librería Editorial, 2002.

JUAN, Eva Maria Valero. *De Micaela Batista a Magda Portal: recuperaciones críticoliterarias de las independentistas del Perú*. Disponível em: http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/13358/1/ASN_13_14_09.pdf. Acesso em 13 set 2016.

LAVRIN, Asunción (org.). *Las mujeres latinoamericanas. Perspectivas históricas*. México: Tierra Firme e Fondo de Cultura Económica, 1985.

NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. São Paulo: Papyrus, 1987.

Povos da Antiguidade. *Incas: A vida, os costumes e a queda desta misteriosa civilização*. São Paulo: SP, s/d, p. 01-81.

PRADO, Maria Ligia. *América Latina no século XIX*. Tramas, telas e textos. São Paulo: EDUSP, 1999.

ROSTWOROWAKI, Maria. La mujer en la época prehispánica. Disponível em: <http://lanic.utexas.edu/project/laoap/iep/ddt017.pdf>. Acesso em: 12 set. 2016.

RODRIGUES, Amanda Maria Lima. *As mulheres e as guerras de independência na América latina do século XIX: invisíveis ou inocentes?* Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14825/1/2007_art_amlrodrigues.pdf. Acesso em: 14 set. 2016.

WIKI. Micaela Bastidas Puyucahua. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Micaela_Bastidas_Puyucahua, Acesso em: 13 set. 2016.